

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 30

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1800. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

## CONTINUANDO

As sympathias calorosas, que o elemento official portuguez está demonstrando pela Inglaterra na actual campanha anglo-transvaliana; o fervor, com que os homens da governança pedem a derrota dos boers; a hostilidade manifesta, com que estes são tratados em todos os pasquins das sachristias; o entusiasmo, com que são acolhidas e celebradas as victorias inglezas, constituem mais uma nota característica da degradação a que tudo isto chegou.

Do lado dos boers está a justiça, evidentemente. Do lado da Inglaterra só está o direito da força, evidentemente também. Eu não ouço dizer, em favor da Inglaterra, senão que é uma grande nação, que tem muitos recursos, que ha de vencer fatalmente.

Ser forte, ser grande, é uma razão? E' um direito?

Então uma quadrilha de saltadores tem sempre razão quando assalta um viandante.

Será por isto que a gente das governanças applaude tão phreneticamente, e deseja com tanta ardencia, a derrota dos boers?

Se o é, confesso que é a primeira vez que vejo esses *sucios* no campo da coherencia e da logica. Só lhes falta a franqueza. Os *sucios* dizem que todo o nosso interesse está no triumpho da Inglaterra. Que os boers vencedores serão um perigo para as nossas colonias. Não são francos. Falta-lhes esse merito. Mas coherentes, elles que nos sahem á estrada a toda a hora, isso não ha duvida que o são.

O perigo não é para as nossas colonias. Se o perigo fosse nacional, o Navarro não andaria n'aquella azafama e furor de esbirro em que anda nas *Novidades*. Aquillo não é attitudo de patriota. O patriota diria friamente: «Não ha duvida que a justiça e o direito militam do lado dos boers. E' um espectáculo grandioso, que só por isso se impõe, que só por isso attrahe sympathias, aquelle de uma nação minuscua se defrontar, por amor da sua liberdade e da sua independencia, com o mais poderoso povo da terra. Mas, independente d'isso, para o nosso interesse seria mais conveniente o triumpho da Inglaterra.»

Esta seria a linguagem dos patriotas. No coração dos Navarros, porém, não pulsa nenhum sentimento de justiça. Nem a justiça, nem a admiração, nem nenhum outro sentimento nobre commove aquelles *sucios*. Só um motivo os inspira: o seu interesse. Que é, afinal, o unico motivo que inspira e guia todos os sal-

teadores. A Inglaterra abatida seria um esteio do throno dos braganças a arder. Eis o busilis!

E' preciso que esta nação tenha descido muito para que consinta, sem o minimo protesto, que se ostentem para ali os mais escandalosos sentimentos e se façam abertamente as mais revoltantes affirmações a proposito da guerra anglo-transvaliana.

A causa da Inglaterra é injusta. Não ha, ou não pôde haver duas opiniões a tal respeito. A Inglaterra, tendo muitas virtudes, é, comtudo, em negocios internacionaes, systematicamente expoliadora. Quanto bastava para lhe affastar, na guerra actual, as sympathias do mundo civilizado e culto. Mas, independente d'essas razões geraes, para nós, portuguezes, ainda ha a circumstancia particular da Inglaterra nos ter offendido cruelmente, pela ultima vez, que nos tem offendido centos d'ellas, ha dez annos. Não houve, então, uma só voz que, n'esta terra, se não erguesse indignada contra ella, bramando vingança. E passados apenas dez annos, que na vida dos povos são dez dias, n'uma lucta cheia de heroismo, cheia de scenas homericas da parte d'um povo vinte vezes menos poderoso do que Portugal, scenas homericas que levantaram um brado de admiração, de entusiasmo, d'um extremo ao outro do globo, não falta aqui, antes sobeja, quem, n'umaancia constante de os deprimir, arremesse lama aos gloriosos boers e quem, de rastos, servilmente, entoe hosannas aos inglezes que hontem mesmo nos cuspiram e esbofetearam.

Que miseraveis! Que pandilhas!

Miseraveis e pandilhas que eram dos que mais clamorosamente pediam, ha dez annos, vingança contra a Inglaterra! Miseraveis e pandilhas que ainda hontem promettiam e juravam desforço! Reles pelintras que, não se limitando a ajoelhar, como escravos, deante d'aquelles que os correram a pontapé, ainda teem a audacia de ineparar os que, defendendo a justiça, os que, prestando homenagem á valentia, á indomavel coragem, ao talento dos que sustentam com as armas na mão o seu direito e a liberdade e independencia da terra em que nasceram, conservam a lembrança das offensas recebidas e sentem na face o calor do insulto.

Que miseraveis! E como um povo, onde taes miseraveis imperam, é bem um povo ignobil!

Que miseraveis, que se estendem desde os proprios que defendem o actual partido dominante, que é o mesmo que recebeu directamente o insulto em 1890, até varios litteratiços com etiqueta republicana que fazem

a apologia da Inglaterra, embora de envolta com umas hypocrisias em favor do direito dos boers, hypocrisias que não illudem ninguém!

A unica nação do mundo, depois da Inglaterra, onde os boers são amesquinhadados, esses boers gigantes que estão traçando as paginas mais gloriosas da historia militar d'este seculo!

A unica, sendo aquella que os inglezes trataram sempre com mais desdem, com mais desprezo!

Que miseraveis!

E como é ignobil este povo, que não corre a pontapé os cães nojentos!

## DIVORCIO

Applaudimos o projecto de lei que o sr. Sampaio e Mello apresentou na camara sobre o divorcio.

Escusa o collega *Voz Publica* de se cançar, que não convence ninguém. Tudo tem prós e tem contras. Mas os contras do divorcio é que não são capazes de destruir as suas immensas vantagens.

Como estes republicanos dêram ultimamente em defender o conservantismo, é que tem graça!

Teem proseguido com toda a regularidade os trabalhos de dragagem no canal da cidade. O trabalho bem feito com consciencia, sendo todos unanimes em confessar que a Junta A. das Obras da Barra está fazendo um bom serviço á cidade.

Ao passo que as dragagens proseguem, vae também crescendo o aterro das piscinas do Cojo, onde são depositadas não só as lamas dragadas, como todos os entulhos das diversas obras da cidade.

## A PROPOSITO DO PADRE

Vimos em Letourneau, em Guyot, em Alexandre Dumas, em varios outros escriptores, quanto houve sempre de falso, de corrupto, de torpe e immoral na politica de Roma.

Ora, para que não se julgue que é o espirito sectario, que move esses escriptores, vamos vêr como Alexandre Herculano diz o mesmo, sendo Herculano meio carola, como era, e, portanto, insuspeito:

«Neste meio tempo, (1) desamparados do poder civil e tomados de profundo terror, os christãos novos suspeitos de judaizarem, *apesar de cruelmente ludibriados pela curia romana*, recorreram de novo ao pontifice. Fiel ao systema que adoptara, Roma abriu-lhes os braços. Todos os que se dirigiam á Penitenciaria apostolica e que eram assás abastados para pagarem a taxa do perdão ou foram absolvidos ou obtiveram breves para o serem pelos ordinarios, com prohibição expressa aos inquisidores de se intrometterem com elles. A côrte de Hespanha e a Inquisição re-

presentaram energicamente contra tal proceder. Então o papa, annullando no essencial os breves concedidos aos christãos novos, declarou que esses perdões se limitavam ao foro da consciencia.»

Reparem os leitores n'estas successivas infamias!

Como os judeus eram ricos, Roma vendia-se. Mas, para continuar explorando sempre as suas riquezas, revogava hoje o que lhes tinha concedido hontem. Voltavam os judeus a implorar e comprar. Roma vendia-se outra vez. E assim successivamente.

Os desgraçados judeus, *apesar de cruelmente ludibriados pela curia romana*, no dizer de Herculano, cahiam sempre como uns patinhos. E Roma sempre a depennal-os.

Que formidavel patifaria!

E é a religião de Roma a religião da rehabilitação do genero humano, no dizer de tanto idiota que vae pelo mundo!

Mas continuemos a ouvir Herculano:

«Viam-se, assim, expostos de novo ás fogueiras dos autos da fé os desgraçados que haviam sacrificado parte dos seus bens para as evitar; mas os recursos e a humanidade de Roma eram inexgotaveis. Entregar inteiramente as victimas aos seus perseguidores seria secar para sempre uma das fontes mais caudadas dos proprios proventos, e a curia não podia resolver-se de bem grado a tyrannizar aos christãos novos hespanhoes a perspectiva de novos perdões, sob condições novas; e elles calhram no laço, como homens que atraz de si não viam senão o supplicio do fogo ou a sepultura em vida nas trévas dos carceres perpetuos.»

Que tratantes!

Foram esses, inalteravelmente, os processos do christianismo. Em Roma nunca houve boa fé, nem justiça, nem caridade, nem generosidade. Transigencia com o vicio galante, e, para isso, a confissão com a absolvição para as putas do alto mundo, e para todos os poderosos da terra, para todos os crimes, para todas as infamias. Como vimos por uma transcripção de Alexandre Dumas, e por outra de Yves Guyot, que fizemos aqui, até havia em Roma uma tabella de preços para a absolvição de todos os crimes.

Foi sempre assim. Ainda hoje o é. A religião prohibe os duellos. Um bandalho qualquer, por asquerosa subserviencia, para agradar a uma mulher do *Sacré Cœur* que tem influencia politica, pede a absolvição de Roma por ter assistido a um duello, e Roma, como o bandallete pertence á alta, apressa-se a dar a absolvição. Quem tem dinheiro come carne em dia de jejum; quem o não tem não come, ou vae para o inferno. E assim por deante. E' uma traficancia pagada.

Mas viva a santa religião redemptora da humanidade!

Herculano passa da Hespanha para Portugal, onde encontra as mesmas *bellezas*. Vejamos o que diz o grande historiador, depois de D. Manuel ter ordenado a expulsão dos judeus:

«No principio de abril expediram-se ordens para que em todo o reino se tirassem aos judeus que tinham preferido o desterro ao baptismo, os filhos menores de quatorze annos, para que se distribuisssem pelas cidades, villas e aldeias, entregando-os a pessoas que os educassem na crença christã. Emquanto esta providencia

tyrannica se dava á execução, empregavam-se outros meios, não mais fortes, mas directos, para obstar a que as victimas do fanatismo podessem escapar. Tendo-se designado como pontos de embarque o Porto, Lisboa e o Algarve, declarou-se que Lisboa seria o unico porto d'onde se permitiria aos judeus seguir viagem e tratou-se occultamente de fazer com que ali faltassem, não só os navios sufficientes, mas também os objectos necessarios para elles se apparelharem e proverem. Este procedimento de D. Manuel era o cumulo da villania; porque, segundo vimos, na lei pela qual se ordenava a expulsão dos judeus dentro de um prazo limitado e sob pena de morte e confisco, o governo se obrigara solemnemente a facilitar todos os recursos para tornar possivel o cumprimento d'essa cruel resolução. Com argumentos de tal ordem, era impossivel que os sectarios de uma religião que, por seculos, fora a unica verdadeira e da qual o christianismo nascera não abrissem os olhos e se convencessem da superioridade d'essa crença, cujos cultores tão facilmente desobedeciam ás suas maximas de tolerancia, liberdade e justiça.

Antes de se expedirem as ordens para os filhos das familias hebreas serem arrancados á força do seio de suas familias alguns rumores tinham transpirado acerca d'este inaudito attentado. A nova espalhou-se por todos os judeus começaram, no meio do seu terror, a tomar as poucas precauções que o aperto do tempo e das circumstancias lhes permitia. A tormenta não tardou, porém, a desfechar. Facil é de suppôr como os atroz mandados de D. Manuel seriam executados, supposta a malevolencia popular contra aquella infeliz raça. Os gritos das mães, de cujos braços arrancavam os filhinhos; os gemidos; os impetos da desesperação dos paes e irmãos, as luctas dos mais audazes, as supplicas e lagrimas inuteis dos mais timidos convertiam o reino n'uma especie de theatro, onde se representava um drama incrível, plantastico, diabolico. As indoles mais duras, os espiritos mais ardentes entre a população hebraica, levando a resistencia até ao delirio, fereiriam despedaçar os filhos, estrangulal-os ou precipital-os no fundo dos poços a entregar-os aos officiaes régios. De contacto de dois fanatismos contrarios á mão omnipotente do rei fizera brotar o filicidio.

Entretanto, o espectáculo de tantas cruezas inspirava por varias partes a compaixão nos corações que o odio não tinha inteiramente empedernido. Houve entre os christãos quem, lembrando-se da caridade evangelica, escondesse grande numero de creanças a ponto de serem arrebatadas dos braços paternos e que, por um movimento sublime de piedade, se expozesse á colera d'el-rei. Mas eram impulsos de generosidade que não podiam ser frequentes, e á tyrannia restavam ainda sobejas victimas para cevar-se. «Eu proprio vi—dizia, mais de trinta annos depois, um prelado veneravel—os paes, com as cabeças mettidas nos capuzes, em signal de suprema dôr e de lucto, que conduziam seus filhos á cerimonia do baptismo, protestando e chamando a Deus por testemunha de que elles, paes e filhos, queriam morrer na lei de Moysés.» As primeiras ordens, que limitavam aquella especie de rapto ás creanças de menos de quatorze annos, ou por insinuações secretas ou por excesso dos officiaes publicos, fo-

(1) Continúa Herculano falando da inquisição em Hespanha.

ram ampliadas, applicando-se aos mancebos e raparigas até á idade de vinte annos. No decurso d'esta perseguição os judeus conheceram a dura sorte que os esperava. Queriam compellil-os, fosse como fosse, a accitarem o baptismo. Os que tinham recusos ou se lhes facilitava qualquer ensejo de embarcar occultamente, faziam-n'o á custa de todos os sacrificios. Foi assim que grande numero d'elles alcançaram evitar as ultimas violencias que lhes preparavam.

No meio d'estes successos o praso fatal aproximava-se, e os chefes das principaes familias hebreas que não tinham podido sahir a occultas do paiz importunavam el-rei para que eumpriisse as sollemnes promessas que espontaneamente fizera na lei de expulsão, ordenando que se lhes subministrassem navios ou, pelo menos, se lhes permittisse mandarem-nos afretar á sua custa. O governo respondeu-lhes afinal que se dirigissem todos a Lisboa, onde essas promessas que invocavam seriam realisadas. Fizeram-no assim. Mais de vinte mil, conforme as memorias coevas, chegaram a entrar successivamente nos Estâos. Aquelles a quem os esbirros régios não tinham ainda tirado os filhos viram aqui arrancarem-lh'os dos braços, sem distincção de sexo nem de idade. O fanatismo conduziria áquelle recinto as familias que não tinham podido fugir, para ali celebrar uma festa digna de cannibae. N'uma especie de delirio, depois de baptisarem violentamente a mocidade hebreá, passaram aos homens feitos e aos velhos: os que resistiam eram arrastados pelos cabellos á pia baptismal. A maior parte, porém, d'esses malaventurados, postos entre a comminação da morte, a que a lei os condemnava, se não sabissem do reino, e os obstaculos levantados pelo legislador para que a obediencia se tornasse impossivel, curvaram a cabeça e deixaram-se precipitar na voragem. De mais de vinte mil pessoas apenas sete ou oito caracteres heroicos, cujos nomes o tempo escondeu, resistiram imperturbados até á extremidade. A tyrannia recuou deante de uma constancia digna de melhor causa, e a estes sete ou oito individuos mandou o governo dar navio que os transportasse á Africa.

Foram casos isolados, estes casos de crueldade medonha que se déram em Portugal e em Hespanha? Não. A religião da caridade, do amor, da paz, foi sempre assim, desde a morte de Hypathia, isto é, desde os primeiros tempos do seu dominio no mundo, até á infamia Dreyfus, que é de hontem.

Sempre, sempre e sempre. Temol-o demonstrado aqui com centenas de factos e de exemplos e continuaremos a demonstral-o.

Foi sempre assim. Que não esqueçam isto, hoje que tanto se trabalha em Portugal a favor da supremacia clerical, que não esqueçam isto todos os espiritos lucidos e todas as almas bem formadas.

Continuaremos.

**Jayme Duarte Silva**  
ADVOCADO  
R. DO SOL—AVEIRO

(30)

FOLHETIM

**IVANHOÉ**

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XII

Mas o principe persistiu na sua opinião, sob pretexto de que o cavalleiro «Desamparado» e o seu partido teriam sido vencidos se não fosse a poderosa ajuda do cavalleiro da armadura preta, a quem, por tanto, assistiu em conferir o premio.

Com surpresa, porém, de todos os assistentes o cavalleiro preferido não foi encontrado. Tinha deixado a liça logo depois de acabada a luota e alguns espectadores ha-

**A INFLUENZA**

A ordem do dia em Aveiro é a *influenza*. Não se fala n'outra cousa, ninguem se queixa d'outra cousa e todos se curam d'esta cousa. Já nem mesmo ha quem se cure de asno! Todos se curam da *influenza*.

Falta de dinheiro, carencia de juizo, tudo o que em volta d'estes dois pólos representa as necessidades materiaes e espirituaes do homem, tudo se esqueceu para dar logar a esta já trivial exclamação: *tenho a influenza em casa!*

Pois não lhes invejamos a visita de tão conspicua e respeitabilissima matrona.

E o tempo, que tão presenteiro se tem mostrado, corre ás mil maravilhas para o desenvolvimento d'este flagello, que, máo grado de todos, é preciso receber com as honras devidas á sua gerarchia, com todas as etiquetas, não lhe faltando com synapismos, cognacs, leites, emplastos, com todos os aconchegos e carinhos que reclama uma senhora melindrosa, cheia de mil susceptibilidades impertinentes, como o é a sr.<sup>a</sup> D. Influenza.

E é para quem quer, porque senão... o cemiterio é para se enterrarem os mortos.

**Cartas d'Algures**

9 DE MARÇO.

E' ouvil-os. Aqui está um, com etiqueta republicana. E' litterato.

Muito ancho, porque, quando todos pensavam na cruzada contra a Inglaterra, elle dizia sempre que a Inglaterra havia de vencer. Elle dizia! Era elle! Não era mais ninguém!

Muito ancho, porque, quando o mundo dizia o mesmo. A differença é só esta: elle admittia-o como certeza, os outros admittiam-no como probabilidade. Que os boers, entregues aos seus unicos recursos, acabariam por succumbir ao numero, era esperado e contado. Mas quem seria capaz de afirmar, em absoluto, a não ser tolo, que os boers ficariam entregues a si proprios? Quem, sempre na hypothese de não ser tolo, é capaz de o afirmar agora mesmo?

Uma intervenção é improvavel, tambem sempre se disse isto, mas é possivel. E' já menos improvavel um choque de interesses, um conflicto, no Egypto, em Marrocos, na India, em qualquer parte, que obrigue a Inglaterra a dividir as suas forças. Uma nação como a Inglaterra está sempre arriscada a esses conflictos, conflictos que rebentam quando menos se esperam e que se resolvem em paz ou guerra tanto mais facilmente, quanto maiores

viam-no visto encaminhar-se para uma das clareiras da floresta com a mesma indolencia que lhe valera o epitheto de «Preto Madraço». Depois de ter sido chamado duas vezes pelo som das trombetas e pela voz dos arautos, tornou-se necessario nomear outro cavalleiro para receber as honras que lhe eram destinadas. O principe João não pôde então allegar mais pretextos contra os direitos do cavalleiro «Desamparado», a quem, portanto, nomeou vencedor do dia.

Através de um terreno escorregadio por causa do sangue e todo coberto de pedaços de armaduras e de cavallos mortos ou feridos, os marchaes do campo conduziram o vencedor até aos degraus do throno do principe João.

— Cavalleiro «Desamparado» disse elle, pois que é este o unico

ou menores são as difficuldades dos dois ou d'um dos antagonistas, ou, por outra, quanto mais as circumstancias favorecerem ou não favorecerem a guerra. Menos improvavel ainda uma revolta geral dos afrikanders.

E uma intervenção, e um conflicto, e uma revolta de todo o elemento hollandez africano não podiam e não podem fazer pesar a balança para o lado dos boers?

Não é provavel? Admittámos. Mas essa improbabilidade não auctorisa ninguem a falar de cadeia. Quem o fizer é tolo. E' velho o proverbio: ninguem pôde contar com o dia de amanhã.

Depois, o que se deu já que possa justificar o riso d'estes doutores de meia tigela? A derrota de Cronjé? Mas antes de Cronjé ser derrotado uma vez, foram-n'o os inglezes dez vezes. Cronjé foi derrotado por quarenta mil homens, commandando elle quatro mil apenas. Com os inglezes tem succedido precisamente o contrario. Os inglezes tem aprisionado até hoje menos de cinco mil boers. Os boers tem aprisionado doze mil inglezes. Cronjé fez uma defeza brilhantissima, fóra de recinto fortificado. Os inglezes, fóra d'esses recintos, nunca se souberam defender com arte e consummado valor. O Transwaal é o Orange, ruídos, tem menos brancos que a cidade do Porto. Londres, só, tem tanta gente como Portugal inteiro.

E riem-se, estes petulantes! E troçam, estes pretenciosos asnaticos!

O litterato, para alliviar a responsabilidade, que lhe pésa, das suas inglezicas, a responsabilidade séria de fazer, com etiqueta democratica, o fogo da reacção clerical e monarchica, para a qual a queda da Inglaterra seria a queda do seu predomínio n'este paiz, o litterato chama *tyrannos* aos boers e repete a asneira de que a *Africa e dos africanos*.

Isto é, o brasileiro, de raça portugueza, o mexicano, de raça hespanhola, o yankee, de raça ingleza, não é americano. Americano é só o pelle vermelha do boer, que nasceu em Africa, como seus paes já nasceram, que alli constituiu patria e familia, não é africano. Africano é o preto! Preto, que foi expoliado por boer. Logo, abaixo boer tyranno!

E é um padre mestre, o ratãozinho! Uma auctoridade! Uma notabilidade!

Bem te percebemos. Queres atirar a pedra e esconder a mão. Fazendo o jogo da reacção monarchica com etiqueta democratica, queres-te abrigar atraz d'esse pretexto da tyrannia dos boers. Pois escolhe melhor pretexto, padre mestre, que esse é tolo. Não ha duvida de que o desastre de Cronjé tem sua importancia. Mas não tanta que se possa concluir d'ahi o triumpho immediato, rapido, ou infallivel da Inglaterra. Essa conclusão é de pateta.

Quanto ao abandono de Ladysmith, Ladysmith é um facto que só prova, como o da praça ter estado tanto tempo sem se render, que os boers tem muito

nome por que consentis em ser conhecido, pela segunda vez vos conferimos as honras d'este torneio, e lembramos-vos que tendes o direito de reclamar e receber das mãos da Rainha do Amor e da Belleza a corôa d'honra que o vosso valor justamente mereceu. O cavalleiro inclinou-se profunda e graciosamente, mas sem responder.

Ao mesmo tempo que resoavam as trombetas, que os arautos bradavam em altas vozes:—«Honra aos valentes! Gloria aos vencedores!» que as damas agitavam os seus lenços de seda e os seus véos bordados, e que de todos os lados estrugiam as aclamações, os marchaes conduziram o cavalleiro «Desamparado» através da arena aos pés do throno occupado por lady Rowena.

O cavalleiro foi collocado de

menos gente do que se dizia. Não se explicava já bem, ultimamente, a demora da tomada de Ladysmith, que os proprios inglezes e os seus partidarios déram como irremediavelmente perdida. Os boers déram um assalto e ficaram-se, caso inadmissivel na guerra, a não ser quando se tem a certeza d'uma praça cercada vir a cair, com o tempo, á falta de provisões de bocca ou de guerra. Tinham os boers essa certeza? Parecia que sim. Mas vê-se agora que a não tinham. Porque não assaltaram, então, segunda ou terceira vez Ladysmith? Pelo mesmo motivo porque não perseguiram Buller depois de o terem repellido trez vezes, pelo mesmo motivo porque Cronjé não pôde fazer face ao exercito de Roberts: porque o numero dos seus combatentes é, relativamente, muito reduzido, e queriam-n'os poupar. Eis tudo.

E' engraçado ouvir estes imbecis de todas as gerarchias, cathogorias e classes, criticar as operações dos boers. E' preciso audacia para isto. Mas aos imbecis nunca faltou audacia.

Os boers tem dado provas da mais consummada pericia, da mais extraordinaria habilidade. O proprio Cronjé, que fez mal em confiar demasiadamente nas asneiras dos inglezes, cahiu como um homem que tem a cabeça, e mais alguma coisa, no seu logar. Todos os factos, passados até hoje, são de natureza a deixar emudecidos os criticos. Pois em Portugal não falta quem commente, quem dê sentenças, quem censure.

Que grandes imbecis!  
Os boers tem poucos soldados. Não assaltaram Ladysmith, porque os queriam poupar. Se a houvessem assaltado, duas, trez ou quatro vezes, ha muito que Ladysmith estaria em poder d'elles.

Com poucos soldados, não poderam perseguir Buller e leval-o de roldão á terceira vez que o repelliram. Com poucos soldados, não pôde Cronjé fazer frente a Roberts e detel-o na sua marcha para a frente, sendo apanhado por uma confiança demasiada na propria habilidade e na inhabilidade, até ahí provada, do inimigo. Com poucos soldados, tem de andar a correr de um lado para o outro, para acudir aos maiores perigos, e por isso abandonaram Ladysmith para socorrer a capital do Orange.

E' isso que os ha de perder? Evidentemente. Mas isso só é motivo de admiração. O que faz pasmar é que elles consigam tanto com tão pouca gente. Todo o mundo sabia e dizia que a Inglaterra só faria alguma coisa quando tivesse em Africa 150:000 homens, como tem hoje. E todo o mundo o dizia porque ninguem ignorava que os boers, sendo habilissimos, sendo immensamente superiores aos inglezes na arte e sciencia da guerra, não teriam forças sufficientes para se opporem a dois ou trez grandes corpos de exercito.

Não é o numero que faz a glo-

rietas não déram attenção a essa expressão de reluctancia, e descobriam-lhe a cabeça, cortando-lhe as presilhas do capacete e desatacando-lhe os atilhos do gorjal. Viu-se então o rosto de um mancebo de vinte e cinco annos, bem formado, bronzeado pelo sol e coberto de abundantes cabellos curtos e louros. Estava pallido como um defuncto e manchado por dois ou tres fios de sangue.

Mas, ou por amor das formalidades ou por curiosidade, os ma-

ria d'um exercito. Eu comprehendia que todos os litteratos e todos os padres mestres, *ratõesinhos* e mais sucia, se extiassem perante a força da Inglaterra, se essa força consistisse em mais alguma coisa do que no numero. A força do numero pôde vencer um povo minuscilo como o Transwaal, incapaz de levantar um exercito de mais de 60:000 homens. Mas já não pôde vencer um povo de maiores recursos em população. Já não poderia vencer Portugal, se Portugal estivesse nas condições do Transwaal e possuísse homens como os boers em vez de possuir ratõesinhos que levam pontapés e ainda os agradecem por cima. A Inglaterra não demonstrou a sua força. A Inglaterra demonstrou uma fraqueza que ninguem lhe suppunha. A sua marinha será talvez capaz de vencer o mundo inteiro, como apregoam os pataratas. Mas o exercito de terra é que não é capaz de vencer coisa nenhuma. Prova-o a actual campanha. E que para a Inglaterra ser grande não lhe basta ter só marinha, provado fica tambem, visto que a marinha ingleza, por mais que se esforce, nunca será capaz de chegar até Pretoria.

De resto, não deixa tambem de ser paspalhice emerita estar a atirar foguetes porque a Inglaterra conseguiu uma victoria depois de tantas derrotas.

Esperem um pouco, que ainda temos muito que esperar e que vêr.

Ora tenham os litteratos paciencia.

Esperem um bocadinho.

E' um bom conselho que lhes damos.

A. B.

**Procições dos Passos**

Se o tempo o permittir saí hoje na freguezia da Vera-Cruz a procissão dos Passos, que percorrerá as principaes ruas d'aquella freguezia. A irmandade empenha-se em dar ao préstito toda a pompa possivel.

A manhã realizar-se-ha a da freguezia da Gloria, indo na procissão, pela primeira vez, a imagem que, por subscrição aberta entre os parochianos da mesma freguezia, foi mandada fazer ao conhecido escultor Teixeira Lopes. Ainda a não vimos, mas o nome d'este artista é garantia sufficiente, pelo que não temos dúvida em acreditar que o trabalho ha de ser digno de ver-se.

Invidam-se todos os esforços para que o préstito revista o maior luzimento.

**POVO DE AVEIRO**

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

(Continúa.)

## JULGAMENTO

Em processo correccional foi julgado na passada quinta-feira Jorge Pereira da Silva, d'esta cidade, accusado de ter, por varias vezes, e enquanto caixeiro do sr. Manuel Homem de Carvalho Christo, furtado da gaveta do estabelecimento de farinhas d'este industrial, quantia superior a 500:000 réis, e, nomeadamente, de ter desviado em seu proveito a quantia de 7:250 réis, producto de uma saca de farinha que havia recebido em Agueda de uma freguezia do sr. Christo.

O réo, se bem que negasse a primeira parte da accusação que lhe era feita, confessou a segunda—ter desviado em seu proveito aquelles 7:250 réis; e sobre o facto depozeram 4 testemunhas que provaram: haver o réo recebido aquella quantia; ser ella producto de uma saca de farinha vendida sem conhecimento do sr. Manuel Homem Christo; ser recebida sem ordem ou mandado d'este mesmo industrial; ter o réo subtraído um postal dirigido ao sr. Christo pela compradora da saca de farinha a pedir o recibo da quantia, subtração feita com o intuito d'aquelle senhor não dar pelo furto; pretender o réo, depois de affiançado em juizo e quando via ser grande a sua responsabilidade, entregar ao seu patrão a referida quantia de 7:250 réis, recusando-se este a recebê-la.

Apezar d'isto e das diversas confissões do réo, já na esquadra policial, já no tribunal em corpo de delicto, já no dia do julgamento, foi elle absolvido por sentença do sr. juiz da comarca, Francisco Antonio Pinto.

Diz essa sentença que a 1.ª parte da accusação não se provou e que a 2.ª se refere a um crime de abuso de confiança, expressamente classificado no Código Penal. E como o M. Publico o classificou como furto e pediu a pena correspondente, não podia o julgador ir além do pedido, pelo que absolvio o réo, mandando que elle fosse em paz, sem custas nem sellos.

E foi.

E' certo, porém, que o ex.º dr. Delegado do Procurador Régio não pôde emudecer perante um caso d'este.

Esta sentença n'um processo em que a prova se fez cumpridamente não pôde passar em julgado. Desde que se sabe do trilhado que a lei e a consciencia marcam, e a sociedade exige, é claro que o seu fiscal não pôde emudecer e tem de promover o que a justiça reclama.

Exige, pois, a sociedade que o Agente do Ministerio Publico, varrendo a sua testada, ou procure uma reparação nos tribunales superiores, demonstrando, porque fácil lhe é, que o crime é de furto, por ter o seu elemento principal provado—a subtração fraudulenta—e por consequencia injusta e iniqua a sentença absolutoria, ou, dando de barato que é boa e sã a doutrina do juiz, instaure novo processo em que seja castigado o criminoso pelo crime que o proprio juiz lhe reconheceu provado e a que cabem as mesmas penas do furto; o que não representará mais do que uma deferencia para o juiz, mas

que, todavia, salva a dignidade do sr. Delegado até hoje sem macula n'esta comarca, d'onde unicamente o conhecemos.

Esperavamos poder dar na integra a famosa sentença, pois a tinhamos requerido por certidão. E' certo que o requerimento nos chega devolvido por um official de diligencias. Vamos transcrevel-o:

Ill.º e Ex.º Sr. Juiz de Direito

Manuel Homem de Carvalho Christo, casado, industrial, de Aveiro, precisa, para mostrar onde lhe convier, que se lhe dê por certidão a sentença proferida no processo correccional instaurado n'este juizo pelo Ministerio Publico, contra Jorge Pereira da Silva, casado, negociante, d'esta cidade, e que corren seus termos no cartorio do 5.º officio.

Pede a V. Ex.ª deferimento.

E. R. M.

Manuel Homem de C. Christo.

## Despacho:

Requeira nos termos de direito Aveiro 9—3.º—900

F. A. Pinto.

Ignorando as *piquinhas* a que o ex.º juiz Francisco Antonio chama *termos de direito*, procurámos um advogado que nos elucidasse, vendo então que o que poderia faltar no requerimento era o reconhecimento da assignatura. Mas, visto que estavamos com a mão na massa, averiguámos tambem que, sem reconhecimento, correm em juizo centenas de requerimentos, como correm outros assignados por advogado sem procuração, e sem, conjunctamente, a assignatura da parte. A excepção é, porém, para nós.

Não quiz, pois, o ex.º juiz Francisco Antonio dar-nos a sentença a tempo da publicação. Mas já a requeremos nos *termos de direito*.

Fica sem commentarios, e no numero seguinte falaremos sobre o assumpto.

A policia de Parz capturou uns casados que martyrisavam atrocemente uma filha de 13 annos. A misera tinha o corpo coberto de feridas, e os dentes partidos das pancadas que lhe davam. Chegavam a tortural-a com um ferro em braza.

Morreu ha pouco em Jerusalem, no mesmo dia, subitamente, dois servos d'um convento armenio. Eram macrobios e deixaram mais de 100 filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

## A primeira victoria

do

## STOCK EXCHANGE

Exulta o banditismo inglez e exulta o banditismo portuguez comprado com o ouro do Stock Exchange. Um e outro colligados, na mais santa camaradagem que bandoleiros de profissão porventura podessem firmar, espiroteam desenfreados, na perspectiva de uma nova esportula.

Depois de cinco mezes de derrotas continuas, qual d'ellas a mais esmagadora, qual d'ellas

a mais humilhante, a Inglaterra teve o primeiro desaggravo das suas humilhações passadas.

E que desaggravo!

Uma nova humilhação, uma nova vergonha!

Levam esse extraordinario general Cronjé a capitular, pela mesma fórma que uma matilha de cães de fila se apodera d'uma gallinhola.

A historia d'essa capitulação sobreleva em grandeza epica a todas as memoraveis façanhas dos grandes heroes da antiguidade.

O mundo inteiro, cheio de asombro, viu isto:

Um general, para proteger a retirada do grosso das suas tropas, faz frente com 3:000 soldados improvisados a um exercito de 40:000 homens adextrados na arte da guerra. Em pouco tempo, vê-se cercado. Encontra-se n'uma planicie; por trincheiras apenas dispõe dos carros de munições.

E' n'esta situação que elle se propõe resistir. Os quarenta mil inimigos vão, a pouco e pouco, apertando o cerco. Uma espantosa carnificina começa: cento e cincoenta canhões, n'uma ancia continua vomitam lydite sobre esse punhado de bravos. E é assim, n'esta tragica situação, que esse valoroso general resiste durante nove dias!

Terminados elles, depois de ter posto fóra do combate dois mil inimigos, vê-se obrigado a render-se. Entretanto, o grosso do seu exercito está salvo!

E é este sublime feito de Cronjé, cuja grandeza escurece a gloria de Xenophonte conquistada na celebre «retirada dos dez mil», é este rasgo de valor e abnegação, extraordinario e unico na historia, que a canalha assalariada pretende converter em victoria para as armas britannicas!

Se a torpeza que tal facto representa é grande, o impudor que a reveste, sobreleva-a.

Essa pretendida victoria do general Roberts é a mais tremenda derrota que a Inglaterra tem soffrido.

Nunca até hoje um exercito se cobriu de tanto opprobrio como aquelle que acaba de aprisionar esse pequeno troço de valentes; assim como nenhum general até hoje mereceu tanto a consagração dos povos como esse valoroso commandante dos cidadãos boers.

O «Anabasis» ficou incompleto. A sua ultima pagina acaba de ser escripta por Cronjé na historia do Transwaal.

## RECREIO ARTISTICO

Continuamos a publicar as prendas que teem sido offerecidas a esta Associação, para o bazar que projecta realizar, em beneficio do seu cofre, no dia 19 do corrente:

- D. Iria de Lemos, 1 par de jarras;
- D. Anna de Jesus da Fonseca Netto, 2 pares de jarras;
- D. Benedicta Regalla de Vilhena, 6 exemplares da obra—«Cincoenta annos da vida publica do conselheiro Manuel Firmino»;
- João Baptista Duarte Moreira, 2 mappas de Portugal;
- Bernardo de Sousa Torres, uma pregadeira de setim;
- D. Marianna Amelia Abrantes, uma lata para chá;
- D. Joaquina Amelia Abrantes, uma caixinha com um sabonete;
- D. Emilia Adelaide de Andrade, um par de jarras;

D. Elvira da Apresentação Andrade, 3 sapatinhos com dedal;

D. Maria da Apresentação da Naia Caspão, um jarro de vidro com tampa de metal;

D. Laura dos Santos Carvalho, um jarro de vidro com tampa de metal;

D. Maria das Dores Carvalho, uma garrafa de quarto, prato e copo, de vidro;

D. Rosa dos Santos Carvalho, um vaso de suspensão;

D. Maria José Simão, duas caixinhas de vidro, e um par de baldes pequenos para quarto;

D. Justina Rosa d'Apresentação, uma pia para agua-benta, um frasco com agua de colonia, uma caixa com pós de arroz, uma noz de Jerusalem, uma penna de escrever com guarnições a fio de prata, e um guarda-relogio, bordado a missanga, em fórma de chinela;

D. Julia Rosa Simões Bernardo, uma bilheteira de vidro dourada e um par de basos;

Anonyma, um estojo para escriptorio, um sapatinho de porcellana e uma caixa com sabonetes;

Anonyma, um par de floreas de porcellana;

Anonymo, um exemplar do «Seculo Illustrado», de 1897 e um volume de poesias a Grinalda;

D. Virginia de Caryalho, um par de jarras e 2 brinquedos;

Duarte Ferreira Pinto Basto e esposa, 22 cinzeiros, 3 pares de jarras, 4 banhistas, 2 figuras de barro, e uma escaradeira para creança;

D. Maria Vieira Gamellas, 6 garrafas de vinho de Buellas;

Antonio Saraiva, duas garrafas de licôr Canhão;

Anonymo, 5 mappas diversos.

(Continúa)

## ANNUNCIOS

## Citação-edital

(1.ª publicação)

PELO Juiz de Direito da Comarca de Aveiro e cartorio do escrivão que este assigna, se processam uns autos de justificação para habilitação, nos quaes Antonio Ponce Leão Barbosa, proprietario, casado, mas separado judicialmente de sua mulher, e D. Rosa d'Apresentação Barbosa, viuva, proprietaria, ambos de Aveiro, pretendem habilitar-se como unicos e universaes herdeiros de seu fallecido pae e marido, Antonio Emilio Barbosa, que foi morador na rua do Caes, d'esta cidade, para todos os effeitos legaes e especialmente para lhes serem averbados e entregues os seguintes papéis de credito:—a promissoria n.º 3:599, pela qual o habilitando Antonio Ponce Leão Barbosa tem de haver a quantia de réis 2:507:502, e a habilitanda D. Rosa a quantia de 2:492\$000 rs., do Banco Commercial do Porto;—a promissoria n.º 9:926 do Banco Alliança do Porto, pela qual o primeiro tem de haver 1670:000 réis, e a segunda réis 835:000;—a promissoria n.º 13:987, pela qual cada um dos habilitandos tem a haver do Banco Luzitano de Lisboa, a quantia de 520:000 réis;—as cinco letras promissorias do mesmo Banco com os n.ºs 14:509, 14:510, 14:356, 14:701 e 14:702, pelas quaes cada um dos habilitandos tem a receber a 3.ª parte de réis 6:000\$000, ou o que se liquidar na concordata do mesmo Banco;—quinze acções do Banco Mercantil de Braga, de cincoenta mil réis cada uma, de n.ºs 11:059, 11:068 a 11:071, 11:076, 11:060 a 11:063, 11:072 a 11:074,

11075 e 11:077;—dois titulos de cinco acções de 100\$0000 réis cada uma, do Banco Commercial de Lisboa, de n.ºs 19:536 a 19:540, e 19:541 a 19:545;—sete inscripções da Junta do Credito Publico de 1:000\$000 réis cada uma, com os n.ºs 35:349, 68:764, 68:765, 40:674, 40:675, 50:347, 50:348;—nove inscripções da Junta do Credito Publico de réis 500\$000 cada uma, de n.ºs 49:901, 50:436, 50:994, 37:391, 41:900, 47:642, 47:643, 49:363 e 50:435;—cinco inscripções da Junta do Credito Publico de 100\$000 réis cada uma, de n.ºs 43:394, 54:888, 13:916, 22:632 e 54:887;—dois titulos de cinco acções cada uma do Banco de Portugal, do valor de 100\$000 réis cada acção, de n.ºs 95:566 a 95:570 e 95:571 a 95:575;—e duas acções do Banco Luzitano de Lisboa de réis 100\$000 cada uma, de n.ºs 2:979 e 2:980.

E assim correm editos de 30 dias, a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio, a citar quaesquer interessados incertos, para na segunda audiencia posterior á citação virem accusar esta e designar-se-lhes a terceira para a contestação.

As audiencias n'este Juizo teem logar todas as segundas-feiras de cada semana, ás 10 horas da manhã no Tribunal Judicial, sito á Praça Municipal d'esta cidade, e, sendo aquelles dias feriados ou sanctificados, nos dias immediatos, não o sendo.

Aveiro, 6 de Março de 1900.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

F. A. Pinto.

O escrivão do 4.º officio,

Leandro Augusto Pinto do Souto.

## ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

NOS autos de divisão de predio, requerido por Jeronymo Martins Raposo, casado, e Francisco Martins Raposo, solteiro, ambos estuadores, d'esta cidade, e que correm pelo cartorio do segundo officio, d'este Juizo, vae á praça no dia 25 do corrente por 11 horas da manhã no tribunal Judicial, sito na praça Municipal, em Aveiro, afim de ser arrematado por quem maior lance offerecer sobre a sua avaliação, o seguinte predio pertencente aos requerentes, a seu pae e irmãos e que não teve divisão:

Uma propriedade de casas baixas, sita na rua das Olarias, numero dez, d'esta cidade, avaliadas em 192:000 réis.

As despesas da praça e toda a contribuição de registo serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas quaesquer pessoas que se julgarem com direito ao producto da arrematação para o deduzirem, querendo.

Aveiro, 5 de Março de 1900.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

F. A. Pinto.

O escrivão de direito do 2.º officio, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

ARMAZENS

# BEIRA-MAR

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e crianças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## FABRICA A VAPOR

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêneas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

## BARRA-PHAROL

Os srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal biscoito d'Aveiro, e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA:**—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico. Levam-se amostras a quem as pedir.

## Azeite do Douro

**NINGUEM** compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos. Desconto aos revendedores.

## ROLÃO PALMA

**ESTA** farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

## OFFICINA DE CALÇADO

DE João Pedro Ferreira AOS Balcões—AVEIRO

N'ESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e crianças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

## Hotel Cysne Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo aseo e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

## ATELIER DE ALFAETERIA

DE Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e criança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

## Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. de deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE Marques d'Almeida & Irmão

AOS Balcões

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

**Vinho de Collares**— Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento

sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO